FACNORTE Faculdade do Norte do Paraná

Departamento de Pós Graduação e Pesquisa

Mestrado Profissional em Ciências da Educação e Multidisciplinaridade

Lindaci Feliciano da Silva

Alfabetização e Letramento nas Séries Iniciais

Marbá-PA

2015

Alfabetização e Letramento nas séries Iniciais

**Resumo**

O presente artigo é um trabalho de pesquisa sobre a Alfabetização e Letramento nas Séries Iniciais. A pesquisa fora realizada nas Escolas do município de Marabá do polo Parauapebas zona rural. Objetiva analisar fatores que interferem na aquisição da leitura e da escrita no processo de alfabetização e letramento. Parte do pressuposto de que os avanços científicos, no campo da linguagem, podem promover um novo reordenamento teórico metodológico na prática docente, que é o campo de preocupação desse estudo. Considerou-se necessário tecer uma abordagem histórica sobre as ideias de alfabetização e letramento norteadas pela concepção de Ferreiro e Teberosky, mais conhecida como “A Psicogênese da Língua Escrita”, que responde as perspectivas de inovação pedagógica da construção do conhecimento. Para a coleta de dados utilizou-se procedimentos de observação e participação escolar. Os dados foram analisados numa perspectiva dialética de modo a que se pudessem sistematizar os resultados nesse processo de aquisição da leitura e escrita vivenciadas pelo corpo docente em sua pratica educativa pesquisada.

**Palavras chaves**: Ensino, Leitura e Escrita, Alfabetização e Letramento.

Alfabetização e Letramento nas Iniciais

**Summary**

This article is a research work on literacy and literacy in the early grades. The research carried out at the Polo Maraba municipality of Parauapebas Schools countryside. It aims to analyze factors that influence the acquisition of reading and writing in literacy and literacy process. It assumes that scientific advances in the field of language, can promote a new methodological theoretical reorganization in teaching practice, which is the concern of this study field. It was considered necessary to make a historical approach to literacy and literacy ideas guided the design of Blacksmith and Teberosky, better known as "The psychogenesis of written language" which responds prospects for pedagogical innovation in the construction of knowledge. For data collection was used for observation and school participation procedures. Data were analyzed in a dialectical perspective so that if they could systematize the results that reading acquisition process and written by experienced faculty in their educational practices searched.

**Key words:** Education, Reading and Writing, Literacy and Literacy.

**Introdução**

Considerando que a criança é um ser em processo de desenvolvimento e que a escola é um meio influenciador há necessidade de se ter claro quais são os mecanismos que permitem à criança a construção desse processo no âmbito da alfabetização e letramento, pois por meio da mesma o homem se torna um ser global, social, um cidadão inserido na civilização moderna com o domínio dos símbolos da comunicação humana.

É importante considerar que um dos nossos principais propósitos é contribuir para o nosso próprio desenvolvimento, pois, entendemos que à medida que se ensina também se aprende. O professor aprende ensinando. E em momento algum, pretendemos perder de vista que a razão de ser do desenvolvimento profissional dos educadores é a aprendizagem e o desenvolvimento de todos os educandos.

É proposito ainda, desse artigo, colocar em evidencia muitas questões sobre as quais provavelmente os educadores tiveram pouca oportunidade para pensar, ou até mesmo desconhecem. Sabendo-se que o fato de conhecer o novo, ou seja, novas propostas e encaminhamentos para o ato da alfabetização e letramento podem gerar diferentes reações entre tais educadores. É necessário também que os professores entendem os pressupostos da linha construtivista para poder utilizá-la na prática para que não passem a pensar que tudo que sabem já não serve mais pra nada.

Para que o professor reflita na sua ação é necessário evidenciar a relação entre a teoria e a prática sem dicotomizá-las. Sabemos que a teoria e a prática são indissociáveis e que sempre há uma teoria que orienta o trabalho do educador, embora que de forma inconsciente. Justifica-se que tomando consciência delas, o educador torna-se mais autônomo para planejar a sua própria prática, sabendo o que, para que, e como se ensina.

A metodologia utilizada nesse artigo tem como ponto de partida a condição pedagógica de revelar e potencializar os saberes que os educadores possuem e discutir os pressupostos que os determinam. Essa dinâmica supõe a problematização, a busca de soluções a teoria como fonte de informação para interpretar a prática pedagógica. Este é um convite para percorrer os caminhos no decorrer da alfabetização.

Assim sendo, o caminho metodológico que sustenta o presente artigo é o cunho qualitativo representando o entendimento bibliográfico previamente pesquisado em autores que se voltam á temática aqui proposta.

Um fato relevante dos quais podemos aqui destacar são: as condições de trabalho da equipe; a organização do trabalho pedagógico e a prática educativa.

No intuito de contribuir e valorizar o trabalho da pesquisa pedagógica, esse artigo está dentro de uma linha construtivista que visa favorecer o trabalho do educador e a aprendizagem do educando sendo ele o próprio construtor do seu conhecimento.

“A leitura é uma atividade de amostragem, seleção, de predição, de comparação e de confirmação pela qual o leitor seleciona uma amostragem das pistas gráficas baseadas no que vê e espera vê”.

(Goodman, 1975)

**UM POUCO DA HISTÓRIA DA ALFABETIZAÇÃO NO BRASIL**

Pretende-se com esta abordagem histórica discutir as mudanças da prática de alfabetização no século XX. Ideias que serão analisadas dentro de três grandes períodos: a primeira metade do século, meados dos anos 60 e, final da década de 70. Cada um desses períodos expressa especificidades da história política, social e cultural, e sua influência nos pressupostos pedagógicos e ainda tematizam a relação entre o contexto histórico e as concepções subjacentes a pratica dos professores.

 Em 1789, nasceu na França o modelo escolar de alfabetização após a Revolução Francesa, até esse período, ler era uma aprendizagem distinta e anterior a escrever, compreendendo alguns anos de instrução através do ensino individualizado, com o passar do tempo é que a alfabetização e letramento se tornam fundamento da escola básica e a leitura/escrita aprendizagem escolar.

 Com relação à alfabetização escolar no século XX, é possível definir em linhas gerais três períodos.

 O primeiro período foi a 1ª metade do século, em que se buscava o melhor método para ensinar a ler com base na suposição de que o fracasso escolar era decorrente do uso de métodos inadequados.

 O segundo momento ocorreu nos anos 60, tendo como centro geográfico os Estados Unidos. A discussão das ideias sobre alfabetização foi levada para um debate mais amplo, em torno da questão do fracasso escolar. Fazem parte desse período as teorias que hoje chamamos “Teoria do déficit”. Supunha-se que a aprendizagem dependia do pré-requisito e que certas crianças fracassavam por não disporem das habilidades previas necessárias.

 Nos anos 70, foi divulgada a ideia de que no inicio da escolaridade, toda criança deveria passar pelos exercícios conhecidos como “prontidão” para a alfabetização. Excluindo assim as classes menos privilegiadas.

 O terceiro período aconteceu em meados dos anos 70, foi marcado por uma mudança de paradigma. Em lugar de procurar correlações que explicassem o déficit dos que não conseguiam aprender, começou-se tentar compreender como aprendem os que conseguem ler e escrever sem dificuldade, o que pensam a respeito da escrita os que ainda não se alfabetizaram. Nesse período, foi divulgada a ideia de que no inicio da escolaridade, toda criança deveria passar pelos exercícios conhecidos como “prontidão” para alfabetização. Excluindo assim as classes menos privilegiadas.

 Diante disse é possível verificar que a partir dessa investigação sobre como os professores ensinam e como as crianças aprendem, há a necessidade de rever concepções que apoiam a alfabetização e isso tem demandado uma transformação nas práticas de ensino da leitura e escrita no inicio da escolarização e na didática da alfabetização e letramento.

 Como FREIRE (1984), entendemos que o analfabetismo não é uma enfermidade ou “erva daninha”, tampouco é resultado de incapacidade ou “pouca inteligência dos homens”. Para nós, o analfabetismo é mais uma evidência da sociedade opressora sobre os oprimidos. Portanto, a escola é conivente com o atual quadro de defasagem do ensino público brasileiro.

 Como não havia explicação para as causas do fracasso escolar na alfabetização, atribuía-se ao aluno, direta ou indiretamente a responsabilidade pelo seu fracasso, pela sua suposta incapacidade de aprender e/ou suas perversas condições de vida.

Graças a esse pensamento, segundo WEIZ (2000) “nasceram os programas compensatórios, dos quais um dos exemplos emblemáticos é o da merenda escolar”. Infelizmente, apesar de todos os programas governamentais para erradicar a deficiência do ensino, especificamente o caos da alfabetização, não são suficientes.

 FERRARI (1985) analisou os dados obtidos através dos recenseamentos realizados no país, no período de 1972 a 1980, e constatou a “tendência secular do analfabetismo no Brasil”. Ao longo desses anos, não se observou nenhuma alteração significativa nos índices de analfabetismo.

 GUSSO (1983) constatou que “as taxas médias de escolarização no Brasil cresceram de 66,7% para 84% entre 1970 e 1984”.

 No entanto esse não é um bom critério para se avaliar a situação da educação brasileira, uma vez que muitas crianças com mais de dez anos hoje, que se encontram fora da escola, já a frequentaram em anos anteriores.

 Não adianta apenas aumentar quantitativamente as oportunidades de ingresso na escola, é necessário trabalhar a questão da qualidade e a eficácia das políticas pedagógicas, e oferecer condições para que os alunos permaneçam na escola.

 Nesse sentido, WEIZ (1999 : 59) afirma que “{...} isso consolidou-se progressivamente numa cultura escolar de repetência que acabou por ser aceita como um fenômeno natural. ’’

O país foi se acostumando com o fato de cerca de metade de suas crianças não se alfabetizarem ao termino do primeiro ano de escolaridade no ensino fundamental.

 Entendemos que todo aluno tem direito a uma educação escolar que garanta o conhecimento necessário para que desenvolva suas diferentes capacidades, uma educação que não acentue as diferenças provocadas pela desigualdade de oportunidades sociais e culturais, que não as tome sob as suas possibilidades de aprendizagem. Quando eles não sabem o que se espera, é preciso ensiná-los.

**TRABALHO CONSTRUTIVO DA CRIANÇA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO**

 Quando se analisa o caminho que a criança percorre para compreender as características, valor e função da escrita observar-se que os aspectos geralmente considerados como pré-requisitos, não constitui o cerne da questão.

 A ênfase posta nas habilidades perceptivas deixa de lado o que é fundamental no processo de construção da leitura e da escrita, a saber: a competência linguística da criança; suas capacidades cognitivas.

Grande número de profissionais do ensino considera que a alfabetização não deve ter lugar na pré-escola e justificam esse ponto de vista.

No entanto se considerada num sentido mais amplo, a leitura e a escrita passam a constituir um dos principais objetivos da pré-escola. Porque na verdade a leitura começa quando a criança está manipulando e explorando os objetos, quando tem a oportunidade de se expressar e explorar o seu meio.

O que FERREIRO (1999) ressalta em seus estudos e que a literatura em geral não menciona, é o sujeito que aprende essa criança que a teoria de PIAGET ensina a descobrir.

Se isso acontece em outros domínios demonstrados por Piaget (1975) logicamente acontecerá também com relação à língua escrita. Ferreiro afirma categoricamente que a alfabetização começa muito mais cedo do que a escola imagina, uma vez que ler não é simplesmente decifrar som.

**A EXPRESSÃO LIVRE E O PROCESSO DE APRENDIZAGEM**

 Segundo o autor o ponto de partida para ação pedagógica é a expressão livre da criança que a priori é transcrita pelo professor. É a partir desse processo que a criança passa a perceber a diferença da língua falada e a escrita, favorecendo de forma natural esse processo de transmissão da expressão oral para a expressão escrita.

 Do ponto de vista pedagógico devem ser considerados quatro aspectos que são primordiais para o desenvolvimento do processo de alfabetização e letramento sendo eles a compreensão do significado do ato de ler e escrever, a oportunidade de a criança realizar tateio experimentais no campo da escrita, a possibilidade de contato com a escrita. Nesse caso a escola assume a responsabilidade de criar situações onde a aprendizagem acontece de forma prazerosa levando em conta esses aspectos e respeitando o ritmo individual da criança.

 A sala de aula deve ser um ambiente harmonioso e o professor deve apresentar suas sugestões sempre que a julgar necessário trabalhando em grupo com as crianças que vão descobrindo a solução para muitos problemas surgidos no decorrer dos seus trabalhos, favorecendo o seu desenvolvimento uns aprendendo com os outros e o professor orientando todo esse processo. Tendo é claro todo um acervo de materiais didáticos a sua disposição para a construção de projetos que visem à leitura e a escrita sempre com orientação do professor, sem bloquear a “escrita livre”.

 O professor deve favorecer o contato permanente das crianças com desenhos, pinturas e escritos produzidos não somente pela classe, mas também por outras crianças e por outros adultos, criando assim condições para que as crianças compreendam melhor, sintam “a razão de ser da escrita e leitura”. O processo natural para o domínio da leitura e da escrita acontece com a tradução do pensamento primeiro pela fala, em seguida pelo desenho, depois pela escrita, e em seguida pelo reconhecimento das palavras e frases até a compreensão do pensamento que elas trazem, este reconhecimento é propriamente a leitura.

**AS CONCEPÇÕES DAS CRIANÇAS A RESPEITO DO SISTEMA DE ESCRITA**

Suas escritas infantis são denominadas garatujas que é o resultado de fazer “como se” soubesse escrever. Entende-se que uma criança só aprende quando é submetida a um ensino sistemático, nada poderemos enxergar porem se pensarmos que elas são seres que não compreendem que devem pedir permissão para começar a aprender, talvez assim comecemos a aceitar o que a elas sabem.

No construtivismo a escrita infantil evolui de forma surpreendente, através de vários meios culturais, e através de várias situações educativas e de diversas línguas. Ai pode ser distinguido três grandes períodos no interior dos quais cabem múltiplas subdivisões:

 Distinção entre o modo de representação icônico e não icônico;

 A construção de formas de diferenciação (controle progressivo das variações sobre o eixo qualitativo e quantitativo); a fonetização da escrita (que se inicia com um período silábico e culmina no período alfabético).

No primeiro período se conseguem as duas distinções básicas que sustentarão as construções subsequentes: a diferenciação entre as marcas gráficas figurativas e as não figurativas, por um lado, e a constituição da escrita como objeto substituto por outro. A distinção entre “desenhar” e “escrever” é de fundamental importância (quaisquer que sejam os vocábulos com que se designam especificamente essas ações).

As crianças dedicam um enorme esforço intelectual na construção de formas de diferenciação entre as escritas.

Os critérios de diferenciação são no inicio intransfigurais, ou seja, consiste no estabelecimento das propriedades de um texto escrito para que ele possa ser interpretável, a seguir e Inter figurais onde é necessário criar modos sistemáticos de diferenciação essa é uma busca difícil e muito elaborada. Elas começam descobrir que as partes da escrita podem corresponder a outras palavras.

Essa hipótese silábica é de muita importância por duas razões, pois permite obter um critério geral para regular as variações na quantidade de letras que devem ser escritas. Já a hipótese silábica cria condições de próprias entre o controle silábico e quantidade mínima de letras que uma escrita deve possuir para poder se interpretar. Já o período silábico alfabético é a marca da transição entre os esquemas prévios a serem abordados e os esquemas futuros a serem construídos.

**ALGUMAS IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS**

A criança que cresce em um mundo “letrado” está exposta à influência de uma serie de ações. Nesse sentido, ela se ver envolvida no seu cotidiano como agente observador no meio “letrado”, sendo-lhe dada a possibilidade de agir como se fosse leitor ou escritor.

O fato de se saber que cada letra tem um nome especifica; que todas elas têm um nome genérico, que na oposição entre os nomes genéricos das marcas, a diferença entre “letras” e “números” é fundamental, que convencionalmente escrevemos de cima para baixo e da esquerda para a direita, que junto com as letras aparecem sinais que não são letras “sinais de pontuação”; que utilizamos as maiúsculas para nomes próprios, para títulos e depois de um ponto; etc. Em todos estes casos trata-se da aprendizagem de convenções que não afetam a estrutura do sistema (o sistema pode continuar a ser alfabético embora não utilize sinais de pontuação, embora se escreva da direita para a esquerda, embora denominemos as letras de outra maneira, embora utilizemos as maiúsculas com outro fim, etc.). Não se deve deduzir de nossos estudos que subestimamos a importância da escola. Do contrario cremos que ela pode cumprir um papel relevante e insubstituível. Sendo o de criar condições para que a criança as descubra por si mesmo.

O professor é aquele que pode sanar esta carência transmitindo-lhe conhecimento evitando, portanto de ficar prisioneiro de suas próprias convicções. Esta tarefa não é fácil uma vez que parece impossível reconstruir introspectivamente o estado de analfabetismo pelo quais todos já passamos.

**PROCESSOS DE AQUISIÇÃO DA LÍNGUA ESCRITA NO CONTEXTO ESCOLAR**

Somos acostumados a considerar a aprendizagem da leitura e escrita como um processo de aprendizagem escolar que ficou difícil reconhecer que o desenvolvimento da leitura e da escrita tem inicio bem antes da escolarização.

Não esperam completar seis anos e ter uma professora à sua frente para começarem a aprender, desde que nascem elas são construtoras do seu conhecimento. Esforçando-se para compreender o mundo que os rodeia. Até algum tempo atrás as primeiras tentativas de escrever feitas pelas crianças foram consideradas meras garatujas. Como se elas devessem começar a escrita com letras convencionais bem traçadas.

Percebemos agora que existe uma serie de passos ordenados antes que a criança passe a compreender a natureza de nosso sistema alfabética de escrita e que os passos são caracterizados por esquemas conceituais específicos, sendo seu desenvolvimento nosso principal objeto de estudo.

Cada passo desse processo é resultado da interação entre a criança e o objeto de conhecimento. A escrita silábica resulta de um dos esquemas mais importantes e complicado que se constroem no período do desenvolvimento da leitura e escrita.

Então para começarmos a compreender que os que fracassam na escola não são tão diferentes daqueles que nela tem sucesso. Para eles o desenvolvimento da leitura e escrita e um processo de construção.

**LER E ESCREVER CONQUISTAS PARA SEMPRE**

A história da leitura no Brasil é cheia de dificuldades, marcadas pelo tipo de colonização que aqui se desenvolveu. Eram raros os que sabiam ler e escrever. As Escolas eram frequentadas apenas pelas crianças da elite. Durante muito tempo, a escola brasileira não recebeu os filhos das classes mais populares, não esteve interessada nem preparada para colhê-los. Essa situação se prolongou até 1950.

 Ao longo de nossa historia, professores e professoras apontam as causas da insuficiência de leitura e escrita, propõem alternativas, tentam dar um jeito!

 Por ser um processo não linear dinâmico na inter-relação de vários componentes utilizados para o acesso ao sentido, à leitura é uma atividade essencialmente preditiva, de formulação de hipóteses para qual o leitor precisa utilizar seu conhecimento linguístico, conceitual, e sua experiência, mais para quem a leitura é um ato de fazer perguntas ao texto escrito, de acordo com o objetivo do ato de ler, a leitura se torna compreensiva na medida em que surgem respostas às perguntas feitas ainda que implicitamente.

Ao utilizar-se de seu conhecimento de mundo, o leitor torna-se menos dependente da informação visual, o processamento feito pelo cérebro é mais rápido, visto que não ocorre uma sobrecarga de informação visual, e consequentemente, a compreensão se realiza de maneira satisfatória.

 Essa característica da leitura leva-nos, pois, a outra: O ato de ler é parcialmente visual, já que durante a leitura nós trazemos nosso conhecimento anterior da língua à experiência de vida. O leitor possui um controle consciente e ativo de seu comportamento (KLEIMAN, 1985). E é exatamente esse tipo de leitor que a escola deve preparar, já a partir do ensino fundamental.

 A leitura é considerada também um processo interativo de multi-níveis, ou seja, o texto deve ser analisado em vários níveis, desde as marcas gráficas até o texto como um todo cabendo ao leitor não só a identificação dos sinais gráficos, mais também a utilização de seu conhecimento prévio. Ainda que seja considerado como ponto de partida para sua compreensão, o texto só se tornará unidade de sentido na interação com o leitor, na medida em que a leitura é vista como uns atos construtivos, por meio do quais os leitores elaboram sobre as ideias selecionadas de um texto, constituindo um significado para ele. Obviamente, durante a leitura não ocorre somente uma interação entre os diversos tipos de conhecimentos do leitor, como também uma interação entre o leitor e o texto, a leitura é um processo cognitivo que requer dois tipos de conhecimentos: O conhecimento da forma que envolve noções grafêmicas, lexicais, sintáticas, e o conhecimento da substância que envolve o conhecimento do assunto, conhecimento pragmático e cultural.

Em situações escolares, para capacitar o aluno a si tornar um leitor proficiente, é necessário, entre outras coisas, orientá-los no sentido que ele utilize adequadamente as estratégicas de leitura, bem como capacitá-lo a deslinearizar a leitura, construindo hipótese sobre o sentido do texto a partir de uma abordagem global, que pode ocorrer pela identificação dos índices formais, temáticos e anunciativos a serem interpretados.

**Referencia Bibliográfica**

FERREIRO, Emília e TEBEROSKY, ANA

 A Psicogênese da Língua Escrita. Artmed

Editora: Porto Alegre 1999